



A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA NO ACOMPANHAMENTO EDUCACIONAL DE CRIANÇAS ATÍPICAS: REFLEXÕES E PRÁTICAS A PARTIR DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)

Maria Eluana Gomes Soares¹

Fabiane Rodrigues Paes²

Izabely de Nazaré Sousa dos Santos³

Crisólita Gonçalves dos Santos Costa⁴

RESUMO

A avaliação diagnóstica constitui instrumento essencial no processo de inclusão escolar, permitindo identificar as necessidades e potencialidades de crianças atípicas, direcionando a formulação de estratégias pedagógicas adequadas. O presente estudo tem como objetivo analisar a relevância da avaliação diagnóstica no acompanhamento educacional de crianças atípicas, articulando-a às práticas formativas desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal do Pará, com o subprojeto “Alfabetização e Letramento em Perspectiva Inclusiva” que tem como objetivo promover processos de alfabetização e letramento inclusivos, voltados tanto para alunos atípicos quanto neurotípicos. Trata-se de uma pesquisa fundamentada em referenciais teórico-metodológicos que abordam a educação inclusiva e a avaliação diagnóstica, numa perspectiva qualitativa, como a proposta por Pacheco (2004), que ressalta a avaliação contínua e reflexiva bem como Jussara Hoffman com sua avaliação mediadora, sendo estas realizadas por meio de intervenções e observações. As experiências no PIBID, têm evidenciado que a aplicação de instrumentos avaliativos, aliada à observação sistemática e ao diálogo com famílias e equipe escolar, favorecem o desempenho dos estudantes, subsidiando intervenções pedagógicas mais efetivas. Os resultados parciais indicam que quando conduzida de forma contínua e contextualizada, a diagnose potencializa a efetivação da inclusão escolar ao permitir que sejam identificadas as necessidades dos alunos, para que as mesmas possam ser trabalhadas adequadamente de acordo com as suas idiossincrasias, ampliando o desenvolvimento destas no ambiente educacional. Também constatou-se que o envolvimento dos bolsistas no processo avaliativo contribui significativamente para a formação inicial de docentes comprometida com a diversidade, fortalecendo competências relacionadas à adaptação curricular, mediação da aprendizagem e uso de recursos pedagógicos acessíveis.

Palavras-chave: Avaliação diagnóstica. Inclusão escolar. Formação docente.

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal - UF, marias.academico@gmail.com;

² Graduando pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal - UF, fabianepaes433@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual - UE, siizassan@gmail.com;

⁴ Doutora pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal - UF, crisolita@ufpa.br.



INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados adquiridos no subprojeto “Alfabetização e Letramento em Perspectiva Inclusiva” a partir das experiências vividas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID que está sendo executado em uma escola de rede municipal em Abaetetuba - Pará, pela Universidade Federal do Pará, campus Abaetetuba, destacando a importância da avaliação diagnóstica para a educação e seus benefícios dentro de sala de aula, com o fim de demonstrar que os instrumentos de avaliação não são somente um mecanismo usado para alguns momentos durante o final de cada período, não limitando-se a avaliações classificatórias, mas que adquirem uma função muito mais profícua ao serem usadas no cotidiano escolar, possibilitando que educadores não limitem os alunos a uma simples nota, mas mostrando os pontos em que cada aluno possui dificuldades para que possam ser feitas intervenções no ensino destes para evoluírem em sua aprendizagem. O texto inicialmente discute a importância da avaliação diagnóstica, que tem como papel fundamental o acompanhamento da aprendizagem e métodos mais eficazes no processo avaliativo. Após, discute as práticas desenvolvidas durante o PIBID, evidenciando os instrumentos de avaliação que foram aplicados para avaliar as dificuldades dos alunos e proporcionar intervenções significativas. Por fim, evidencia-se aquilo que o programa proporciona e contribui para uma maior compreensão do processo avaliativo como algo contínuo que pode transformar a vivência do professor em sala de aula.

METODOLOGIA

Como metodologia utilizamos a abordagem qualitativa, por meio de pesquisas bibliográficas que permite compreender melhor as particularidades e dificuldades do ensino aprendizagem, como afirma Guerra et al, 2024 (p.3) “Os fundamentos da pesquisa qualitativa estão ancorados em princípios teóricos e metodológicos que orientam a coleta e a análise dos dados”.

Também utilizamos a leitura e estudo de textos selecionados como de Jussara Hoffman(2015) que discorre a respeito das concepções de avaliação: mediadora e classificatória, considerando





a avaliação mediadora a melhor maneira de avaliar educando e Pacheco(2012) com sua avaliação formativa e sumativa (2015), onde enfatiza que a avaliação sumativa é mais utilizada nas escolas dando prioridade para as notas do que o rendimento do aluno, de acordo com o tema e também nossas vivências como bolsistas do PIBID, tendo em vista que nosso objetivo é discutir sobre a avaliação diagnóstica.

Buscamos autores que falassem sobre o tema, onde pudéssemos construir uma ponte que dialogasse com o que vivenciamos na instituição escolar em que o projeto ocorre. Com os dois autores que citamos podemos ter pensamentos diferenciados e que nos proporcionaram mais de uma visão sobre avaliação, o que corroborou para a formação do estudo feito sobre a avaliação diagnóstica

REFERENCIAL TEÓRICO

Para a aquisição de referencial teórico na concepção deste trabalho, foram realizados estudos através de leituras de textos e artigos relacionados com o tema em questão, tendo maior ênfase às abordagens de Jussara Hoffman (2015) e José Augusto Pacheco (2012), cujas perspectivas fundamentaram nossa escrita, servindo como base para os direcionamentos que a pesquisa tomou.

A partir das observações de Jussara Hoffman (2015) e sua maneira de analisar as concepções da avaliação, nos baseamos em suas ideias para discorrer sobre o conceito de avaliação diagnóstica, pois a mesma apresenta o método de avaliação mediadora que converge com a avaliação diagnóstica e a partir do conceito de avaliação classificadora formulamos críticas ao atual modelo de avaliação adotado pelas instituições de ensino. Tais considerações foram intensificadas pelo criticismo de Pacheco que dissecou o contexto contemporâneo em termos avaliativos na área da educação

A avaliação representa um instrumento essencial para o acompanhamento da aprendizagem em uma sala de aula, possibilitando que o professor repense suas práticas e metodologias dando-lhe uma ampla visão e compreensão a respeito do que funciona para cada aluno, levando em consideração suas particularidades e dificuldades. Instrumentos avaliativos não se limitam apenas a testes, provas, exercícios e a registros avaliativos como relatórios e boletins dos alunos, esses recursos devem estar presentes ao longo do cotidiano de uma sala de aula,



mas estão apenas em curtos períodos ao fim de cada período letivo. Segundo Hoffman (2015, p. 1): “Instrumentos e registros fazem parte da metodologia, que, por sua vez, sofre variâncias dependendo da concepção de avaliação a que está atrelada: concepção classificatória ou concepção mediadora”.

A avaliação possui diferentes concepções, as duas mais discutidas pela autora são a classificatória e a mediadora. A concepção classificatória está ligada à seletividade, ela compara os alunos sem um olhar sensível e o respeito do espaço e o tempo de cada criança, além de trazer uma competição entre eles. Como a imagem nos informa, podemos ver como a avaliação classificatória funciona na prática.

FIGURA 1



Autor desconhecido. A falácia da igualdade Disponível em: <https://share.google/3JPXIQvrO2TFyap4Z>

A concepção mediadora encontra-se associada à ideia de uma educação voltada para a inclusão em termos teóricos, sendo observadora, reflexiva e respeitosa sobre as metodologias, buscando melhorias no ensino e aprendizagem. O professor se desprende do tradicional e usa de métodos criativos, adaptando para as características da turma de maneira contínua, prezando pelo respeito da diversidade dos ritmos de cada estudante, refletindo a respeito das dificuldades, das culturas, etnias entre outros.

A partir deste prisma, podemos identificar a avaliação diagnóstica como uma abordagem que contribui para a aplicação de um ensino inclusivo, estando de pleno acordo com as proposições apresentadas por Hoffman, aqui, ela se insere como um instrumento avaliativo essencial que busca identificar habilidades e dificuldades que o aluno encontra durante o





processo de ensino aprendizagem, possuindo características de uma ação intermediadora, que tende a facilitar o trabalho do professor, permitindo que o mesmo compreenda as necessidades de cada criança e adequue suas metodologias em prol do avanço destas. Além disso, ela facilita a prática docente, ao proporcionar maior autonomia para o educador, pois a avaliação diagnóstica faz com que o mesmo reflita sua prática diariamente.

Além disso, tal prática promove a educação contínua, que caracteriza-se como um processo constante de estudos, cumprindo o seu compromisso com o saber, reflexão e atualização de métodos pedagógicos. Sendo assim, o professor se torna um guia e não só uma fazendo com que a educação seja vivida de maneira edificante, tanto para o docente quanto para o discente, continuada para o educador e facilitadora para o educando, sendo o primeiro um facilitador, que cria oportunidades de aprendizagem, e não um mero transmissor de conhecimentos. Esta abordagem possibilita um acompanhamento das crianças atípicas, pois torna possível a identificação de suas habilidades, respeitando e adaptando as intervenções pedagógicas com um olhar sensível e inclusivo.

É importante que crianças atípicas tenham acesso a essa educação intermediadora pois esta é capaz de potencializar seu processo educativo no contexto escolar, pois entende-se que a avaliação intermediadora preza pela diversidade dos alunos, contemplando aqueles que possuem dificuldades cognitivas, e as especificidades de cada um, respeitando suas necessidades e o desenvolvimento individual uma das outras, o que torna a escola um ambiente sensível e humanizado, onde o professor torna-se mediador e pesquisador de suas práticas observando e acompanhando cada aluno e planejando maneiras de intervenções diferentes, objetivando contribuir com a formação do aluno e tornar está adequado e construtiva, entrelaçando estratégias de aprendizagens, o que leva a perceber importância da educação mediadora, que se torna indispensável a partir desta paradigma.

Jussara Hoffmann, em sua obra *Avaliação: mito e desafio*, discorre a respeito de encontros com professores da educação infantil à universidade que estão inseridos em diferentes realidades educacionais. Nesses encontros, a autora propõe para eles relacionarem a palavra “avaliação” com algum personagem, muitos a descrevem como “monstro de várias cabeças”, e poucos são os comentários positivos, isso reflete em como a avaliação ainda está vinculada a uma prática tradicional.

Pensar a avaliação a partir desta perspectiva, torna evidente a importância da reflexão para o professor, pois esta antecede as melhorias que o mesmo pode implementar em suas





intervenção, e o leva a observar de maneira crítica a forma como as mesmas estão sendo aplicadas, reconstruindo seus objetivos e investigando cada vez mais, maneiras funcionais para trabalhar em sala. A educação continuada, aqui, se torna a melhor maneira de combater a visão limitada e tradicionalista que muitos professores ainda possuem a respeito da avaliação, cumprindo assim seu papel de pesquisador, dedicando-se à educação continuada, atualizando-se para que as práticas avaliativas deixem de ser vistas como “impossíveis” e muitas vezes antiquadas, como nas palavras da autora; que não se reproduzam na arbitrariedade e no autoritarismo.

Em *Avanços nas Concepções e Práticas da Avaliação*, Hoffman(2015) aborda uma concepção de avaliação mediadora que tem como objetivo refletir a respeito de estratégias de melhorias das metodologias do sistema avaliativo, ressaltando que o impasse não é o instrumento educacional que o docente utiliza, mas sim a maneira com ele é utilizado, refletindo as estratégias e objetivos com finalidades definidas, tendo em mente a diversidade que uma sala de aula oferece e toda uma pluralidade, contexto social e dificuldades do lugar em que o professor está se inserindo. Como diz Hoffman, 2015, p. 4 :

Transformar a avaliação em processo objetivo, preciso, padronizado é deturpá-la em seu significado essencial – de humanidade. O processo avaliativo mediador só sobrevive por meio do resgate à sensibilidade, do respeito ao outro, da interatividade e pela pedagogia do diálogo.

Seguindo essa perspectiva, uma avaliação justa é aquela que considera o direito dos aprendizes, sem esquecer da sistematização do que se ensina e do que se aprende, mantendo a sensibilidade e o respeito mútuo, como reforça Hoffman, 2015, p. 7:

Uma avaliação justa respeita a diversidade. Todos os aprendizes têm direito a condições dignas de aprendizagem. O que não significa condições iguais. Condições dignas são as que levam em conta a diversidade de etnia, crenças, valores, deficiência, jeitos e tempos de aprender.

Sendo assim, tanto a escola quanto o professor devem considerar diversos pontos de vistas que são construídos ao longo do tempo, nunca esquecendo o contexto social que o aluno está inserido, sem impor verdades arbitrárias, sendo consciente da bagagem que o educando traz consigo, acolher, valorizar e respeitar o espaço e o tempo de cada pessoa, pois cada indivíduo possui suas idiossincrasias.





Avaliar sem compreender origens e modos de vida é reduzir o processo educativo a um julgamento imediato, ignorar o direito de cada estudante de aprender em seu ritmo e desrespeitar suas particularidades, principalmente as pessoas com deficiência, principalmente ao tratarmos da área educacional onde a inclusão é tão citada, e se faz importante suprir as necessidades daqueles que precisam de estratégias apropriadas de acordo suas deficiências tanto físicas quanto intelectuais. O professor deve fazer intervenções que ajudem no processo de aprendizagem e buscar melhores condições de aprendizagem para cada dificuldade dos alunos, atualizando-se através da educação continuada para lidar com a diversidade de crianças atípicas, e não fazer somente avaliações classificatórias medindo o intelecto das crianças por níveis de notas de 0 a 10, por exemplo.

José Augusto Pacheco de modo semelhante a Jussara Hoffman, também considera as concepções da avaliação, mas as nomeia de avaliação formativa e avaliação sumativa, sendo formativa semelhante à mediadora, devido seu enfoque na inclusão e abordagem divergente ao status, e a sumativa à classificatória, por causa de seu caráter alinhado aos ideais tradicionais e aos paradigmas vigentes. Na visão de Pacheco, a avaliação classificatória faz-se necessária para adquirir credibilidade para escola, a avaliação interna, que seria acompanhar, observar e fazer uma avaliação justa do aluno, desnecessária, pois a escola foi posta como bem econômico, onde se a mesma não alcança o nível que se espera, sua credibilidade acaba diminuindo e fazendo com que as instituições de ensino se importem mais com as notas do que aprendido da criança, sua produtividade passa então a ser mensurada de maneira quantitativa através das notas adquiridas, e se a mesma não cumpre tais expectativas notas a sociedade acaba interferindo, vendo a escola com maus olhos, sobre isto Pacheco diz citando o art. 24º do Decreto-lei n. 139/2012 de 5 de julho:

Quer isto dizer que os professores “recorrem a uma variedade de instrumentos de recolha de informação adequados à diversidade da aprendizagem e as circunstâncias em que ocorrem” ⁸ embora na prática, tenham a tendência para conferir mais peso aos testes e às práticas formativas sumativizantes, verificáveis, estas últimas, quando os professores atribuem uma classificação aos testes ou às fichas formativas.

Dito isso, é possível perceber que tais conjunturas acabam gerando competições entre os alunos para obter a nota desejada dando mais importância a avaliação sumativa não respeitando seu processo de aprendizagem e dessa forma desvalorizando as mediações facilitadoras que serviriam como apoio para os alunos e melhores condições que





possibilitaram metodologias de aprendizagens inclusivas, desvalorizando o processo individual do mesmo. Assim torna-se uma avaliação excludente e limitada pois mesmo sabendo das dificuldades dos alunos acabam deixando-os estagnados sem liberdade de expressão como diz Levit, 2008, apud Pacheco, 2012:

Tudo isto resulta da globalização como processo multifacetado de uniformização com incidência direta na criação de um diálogo comum sobre as reformas, "tornando aparentemente mais uniforme o currículo a nível mundial" (Anderson-Levit, 2008, 356) estabelecendo uma standardização avaliativa centrada na comparabilidade competitividade.

Assim como Jussara ele diz que o instrumento avaliativo mais utilizado é a modalidade sumativa o qual se baseia em resultados, desconsiderando o processo individual deixando de lado a modalidade formativa que defende a ideia da avaliação através da observação, permitindo que o professor identifique as dificuldades de cada aluno para aplicar intervenções que ajudem no processo de ensino aprendizagem considerando também os ensinamentos do aluno com suas culturas, não reduzindo o aluno a testes boletins entre outros, (Pacheco, 2012, p.5) [...] todavia, em termos de instrumentação avaliativa, a modalidade sumativa tem sido predominante em relação às modalidades diagnóstica e formativa [...].

No cenário contemporâneo analisado por Pacheco, onde são priorizados os resultados estatísticos, influenciados diretamente por fatores sociais, socioeconômico e socioculturais, percebemos o afastamento do real propósito da escola que é formar indivíduos conscientes, promover a socialização, a construção de valores morais e culturais, indivíduos capazes de construir conhecimentos significativos. Portanto, se torna necessário repensar as concepções avaliativas, visando transformar as práticas pedagógicas. Aderir a avaliação formativa como instrumento de inclusão de todos, principalmente de crianças atípicas, seria uma opção adequada ao visar o desenvolvimento integral dos alunos, que resultaria em uma mudança de paradigmas, sendo capaz de romper com a visão tradicional, o que impactaria diretamente a prática docente daqueles que realizassem tal prática, pois o ato de avaliar é pedagógico

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A avaliação diagnóstica e a sua contribuição para o PIBID





O PIBID proporciona oportunidades de inserir o graduando nas escolas para obter aprendizados que possibilitam entender a realidade escolar e o processo metodológico da escola como está escrito no art. 3º do Decreto nº 7.219 de 24 de junho de 2010 que diz:

Inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino- aprendizagem; (Brasil, 2010).

Neste trecho do decreto podemos observar algumas das experiências que o PIBID proporciona para os alunos graduandos de licenciatura nas instituições escolares básicas públicas. Os bolsistas aprendem a lidar com inúmeras situações do cotidiano escolar, aprendendo na prática a buscar superar problemas, inclusive de ensino-aprendizagem como está citado acima. Aprende com o professor regente da sala de aula a como produzir conteúdos, materiais e avaliações para auxiliar no processo educativo dos alunos da educação básica.

No início do projeto a primeira avaliação que foi apresentada para os bolsistas foi a avaliação diagnóstica, a partir dela foram verificados os níveis alfabéticos de cada aluno das turmas trabalhadas e cada equipe teve que pensar em formas diferentes de aplicar tais avaliações levando em consideração a cultura em que os alunos estão inseridos.

A turma observada durante o desenvolvimento do projeto é composta por diferentes ritmos de aprendizagem, o que permitiu aos bolsistas presenciarem práticas pedagógicas voltadas à diversidade, exigindo uma postura reflexiva e inclusiva vinda do professor. Entre os alunos de uma das turmas que o projeto contempla, estão três alunos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que são foco do nosso subprojeto e acompanhados pelos bolsistas de maneira mais atenta e olhar sensível fortalecendo a importância da inclusão e adaptação metodológica.



Figura 1
Atividade diagnóstica.

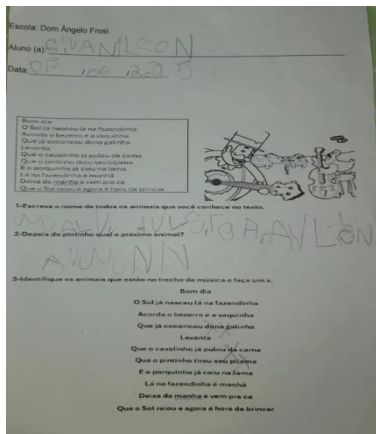


Figura 2
Atividade diagnóstica.

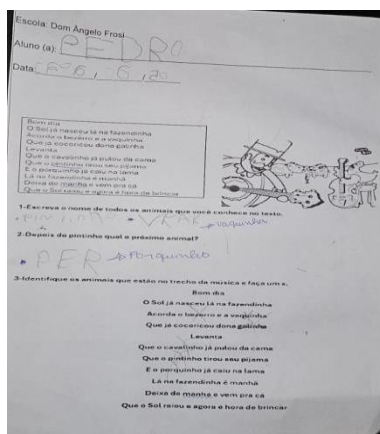
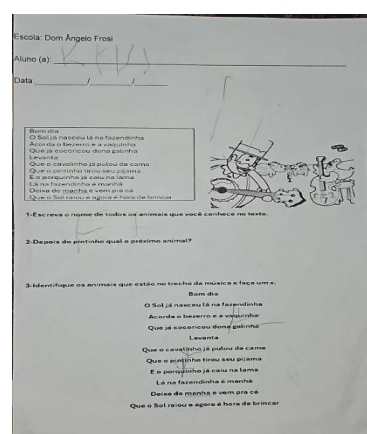


Figura 3
Atividade diagnóstica.



Fonte: acervo dos bolsistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa diagnose foi feita a partir de quatro etapas de atividades para identificar as dificuldades dos alunos, trouxemos uma delas de exemplo, as figuras 1, 2, e 3 são de três alunos com TEA, por elas observamos, a partir dos estudos e orientações de Soares e Teberosky (1986) que o nível alfabético do primeiro é pré-silábico, pois apresenta dificuldades tanto na leitura quanto na escrita, reconhecendo somente as letras que compõem seu nome. O segundo identificamos que seu nível é silábico com valor sonoro já que apresenta bastante dificuldade na escrita, mas demonstra bom desempenho na leitura. O terceiro também se adequa como silábico com valor sonoro, foi possível identificar a dificuldade de concentração, na leitura e escrita.

A participação no projeto amplia o conhecimento dos graduandos que estão participando do mesmo e também o ensino e aprendizagem dos alunos da escola. Principalmente no quão importante se torna a avaliação diagnóstica para este projeto em específico, pois por meio dela podemos verificar a evolução dos alunos durante o período do programa na instituição escolar que está recebendo o projeto, inclusive de alunos atípicos que são o nosso núcleo do subprojeto.





Através de nossos estudos, foi possível perceber que o método de avaliação classificatória é mais utilizado, pois é considerado viável para a maioria dos professores em seu cotidiano escolar, por conta da quantidade de afazeres que um docente exerce, como o planejamento de aulas, preparação dos materiais que serão usados, tornando difícil acompanhar cada criança dentro de sala. Embora a avaliação classificatória seja mais viável, ela não contempla o educando da maneira que a mediadora contemplaria.

Nessa perspectiva, a avaliação mediadora e formativa traz benefícios significativos ao ensino e aprendizagem dos alunos, pois respeita suas características e históricos individuais, sendo perspectivas diretamente associadas à inclusão escolar, tornando-as oportunas para discutir sobre a temática da avaliação diagnóstica, que conforme percebemos, impacta positivamente a vida escolar dos estudantes, podendo proporcionar-lhes melhores condições de aprendizagem devido seu caráter qualitativo.

Ao seguir tal abordagem, o professor se torna um facilitador e adquire atributos de um pesquisador, sendo impulsionado a procurar maneiras diferentes de aperfeiçoar sua prática e os métodos avaliativos através do acompanhamento e da observação, auxiliando o educando a superar suas limitações e as possíveis “sequelas” que os testes ocasionaram ao mesmo.

Na ausência da diagnose, onde ocorre a verificação dos elementos que deverão ser trabalhados, e que podem servir como base para as reflexões norteadoras da ação docente, os alunos atípicos tornam-se drasticamente excluídos, pois não haverá um direcionamento de práticas formativas pensadas para fazê-lo progredir a partir de suas características individuais e exigências.

Portanto, constata-se que a avaliação diagnóstica situa-se como importante aliada da inclusão escolar, trazendo benefícios importantes para os educandos, principalmente aqueles historicamente marginalizados por modelos avaliativos limitados, e condicionados à apenas um modelo utilizado para avaliar em um ambiente marcado pela heterogeneidade como as escolas, o que por si só demonstra uma enorme contradição, que necessita ser superada. Para os alunos com transtorno do espectro autista (TEA) se torna ainda mais essencial a avaliação diagnóstica pois permite compreender e respeitar seu modo de aprendizagem e guia práticas pedagógicas mais ajustadas às suas necessidades. Assim tornando-se instrumento essencial para garantir sua permanência em um ambiente escolar inclusivo.





REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto n. 7.219 de 24 de junho de 2010. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 jun. 2010. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7219.htm.

HOFFMANN, Jussara. Avanços nas concepções e práticas da avaliação. In: Congresso Internacional de Tecnologia na Educação. 2015. p. 1-7.

PACHECO, José Augusto. Avaliação das aprendizagens: políticas formativas e práticas sumativas. Encontros de Educação, Funchal, 10 e 11 fev. 2012.

